



Diogo Helal¹

diogohh@yahoo.com.br

Luiz Alberto da Costa Mariz²

l.a.mariz@uol.com.br

O CONCEITO DE CAMPO EM BOURDIEU E SUA APLICAÇÃO EM CONTEXTOS PERIFÉRICOS

Este é um ensaio teórico sobre o conceito de campo em Bourdieu e sua potencial aplicação em estudos sobre organizações inseridas em contexto periférico. O artigo discute conceitos básicos da sociologia de Bourdieu, tais como, espaço social, campo, capital e *habitus*, desenvolvidos tendo em vista as sociedades capitalistas avançadas. Neste debate, o artigo busca salientar elementos contidos na abordagem sociológica desse autor quando da aplicação ao contexto periférico, sem retirar dela sua universalidade. Na sociologia de Bourdieu são centrais a concepção de espaço social, de campo, de capital e de *habitus*. Um campo é um tipo específico de entidade social – como o campo literário, o campo jurídico ou o campo educacional, num nível de análise que engloba indivíduos, grupos ou instituições. A expressão “campo” também é usada por Bourdieu como uma metáfora dupla, o campo de forças e o campo como arena. Essa segunda acepção é empregada por Bourdieu para caracterizar a natureza das diversas entidades sociais, como o espaço social, uma empresa com atuação em múltiplos mercados, a família, ou o próprio campo como domínio específico de atividades, conforme a primeira acepção indicada acima. O campo está em permanente processo de reprodução ou transformação, no influxo de incessantes lutas pelo monopólio sobre os tipos de capital mais efetivos. Criticando o uso que a teoria institucional faz do conceito, Misoczky (2003) identifica um viés nessa abordagem que privilegia a homogeneidade no interior dos campos, em contraste com a concepção de Bourdieu em que “os diversos campos são organizados e transformados em decorrência do processo de lutas por tipos de capital” (p. 165, Quadro 2). Misoczky (2003) também sublinha a possibilidade de “estabelecer vínculos entre campo e espaço social, buscando compreender influências recíprocas” (p. 167). No entanto, embora citando Bourdieu sobre a variação do princípio gerador que funda as diferenças no mundo social, “de acordo com os lugares e momentos” (BOURDIEU, 1996, p. 50; MISOCZKY, 2003, p. 152), ela não se detém em aprofundar as implicações para a análise do campo em diferentes sociedades. Considera-se, no entanto, que este é um ponto importante que precisa ser mais explorado quando se investigam os campos e sua relação com os espaços sociais periféricos. Em sociedades mais desenvolvidas como a França, os Estados Unidos e o Japão, a construção do espaço social segue dois princípios de diferenciação que, para Bourdieu, são indubitavelmente os mais importantes: o capital econômico e o capital cultural. Os ocupantes do espaço se diferenciam quanto às respectivas posses de capital segundo duas dimensões: de acordo com o volume global de capital dos dois tipos e segundo o peso relativo dos diferentes capitais. Para ele, a dimensão que é “sem dúvida a mais importante” é a que distingue os participantes segundo o capital global. Assim, no espaço social francês, os empresários, membros de profissões liberais e professores universitários opõem-se globalmente àqueles menos providos de capital econômico e cultural

¹ Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)

² Professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

como os operários não-qualificados e os assalariados rurais. Na outra dimensão, no entanto, como detentores de relativamente maior capital cultural e menor capital econômico, os professores opõem-se claramente aos empresários. Embora boa parte das pesquisas e observações feitas por Bourdieu tome por objeto espaços sociais de países capitalistas avançados, as variações históricas dos princípios de diferenciação são tema recorrente na sua obra. Sua sensibilidade para perceber as diferenças entre sociedades parece ligada, em grande parte, à sua própria trajetória de pesquisador, cujos primeiros trabalhos de etnologia sobre os povos montanheses afastados e isolados da Cabília forneceram instrumentos que, mais tarde, puderam ser empregados para estudos que comparam essa sociedade pré-capitalista com “sociedades como as nossas” (BOURDIEU, 1996, p. 157). Mesmo frisando desconfiar das grandes oposições dualistas, Bourdieu se permite sugerir que “à medida que as sociedades se tornam mais diferenciadas e se desenvolvem nelas esses “mundos” relativamente autônomos que chamo de campo, as possibilidades de que surjam verdadeiros acontecimentos, isto é, encontros de séries causais independentes, ligados a esferas de necessidade diferentes, não param de crescer. [...] Talvez nas sociedades menos diferenciadas, em ordens autônomas, as necessidades do parentesco, não tendo que contar com nenhum outro princípio de ordem concorrente, possam se impor sem reservas” (2004, p. 93). Citando autores como Durkheim e Polanyi, Bourdieu (1996) observa que enquanto na sociedade capitalista desenvolvida os universos sociais, como a economia, a religião ou a arte são distintos, nas sociedades antigas ou pré-capitalistas eles são ainda indiferenciados. Nessas últimas sociedades, as condutas humanas podem ser interpretadas simultaneamente como religiosas, econômicas, estéticas etc. O surgimento dos campos, com leis próprias, só vem ocorrer propriamente com a evolução das sociedades (BOURDIEU, 1996, p. 147). Conforme escreve Bourdieu (1996), “nada permite supor que [o] princípio de diferenciação seja o mesmo em todas as épocas e em todos os lugares, na China Ming e na China contemporânea, ou na Alemanha, na Rússia e na Argélia contemporâneas” (p. 49-50). Numa comparação entre a França e a extinta República Democrática da Alemanha (RDA), Bourdieu (1996) mostra que não é viável transferir pura e simplesmente os princípios de diferenciação de sociedades desenvolvidas como a França - baseados essencialmente no capital econômico e no capital cultural. Se esses princípios eram suficientes para estabelecer uma correspondência entre as posições ocupadas no espaço social e os espaços de disposições (*habitus*) e de tomadas de posição no caso da França ou do Japão, isso não ocorria com a RDA. Neste caso, além do capital cultural e do capital econômico, também parecia ter um peso decisivo um outro princípio de diferenciação, o do capital político, que assegurava aos seus detentores uma forma de apropriação privada de bens e serviços públicos. Levando em consideração essas próprias formulações de Bourdieu e a descrição da redução sociológica de Guerreiro Ramos (1965) que inclui o “procedimento crítico-assimilativo da experiência estrangeira”, consideramos que existe grande potencial de desenvolvimento teórico-empírico no conceito de campo e sua aplicação a contextos periféricos.

PALAVRAS-CHAVE: campos organizacionais, periferia, Bourdieu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papiurus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

MISOCZKY, M. C. Poder e institucionalismo: uma reflexão crítica sobre as possibilidades de interação paradigmática. In: VIEIRA, M. M. F., CARVALHO, C. A. (org.). **Organizações, Instituições e Poder no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RAMOS, A. G. **A Redução Sociológica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.